

## Em torno dos quinhentistas

*Maria Helena Ribeiro da Cunha\**

Pero de Magalhães de Gândavo, além de todas as especialidades científicas e qualidades humanísticas que lhe podem atribuir – e as quais demonstrou cabalmente –, foi um incansável pesquisador da terra que os olhos portugueses viam pela primeira vez, e envolvente na forma como a descreve, segundo se pode depreender desta primeira história do Brasil, felizmente agora revisitada pelo empenho e pela disposição de dois professores e pesquisadores, Sheila Moura Hue e Ronaldo Menegaz.<sup>1</sup>

Se, em nossos dias, certas obras de investigação passam por variados infortúnios até que se vejam publicadas e divulgadas, pode-se, a partir daí, imaginar as turbulências por que passou a *história* de Gândavo na coroa quinhentista portuguesa, naturalmente ciosa de suas descobertas e preocupada com a cobiça de seus vizinhos. Assim nos alerta a pesquisadora para justificar as razões que levaram esta *história da província Santa Cruz* ao ostracismo e ao desconhecimento das gerações vindouras, mais práticas em citá-la do que em conhecê-la. Basta dizer que, publicada em 1576 pelas mãos do editor Antônio Gonçalves – o mesmo d'Os *Lusíadas* –, embora conhecida pelos portugueses seus contemporâneos, só se verá reconhecida quase três séculos depois, em 1837, com a tradução para o francês do historiador Henri Ternaux, que a incluiu no segundo volume de *Voyages, relations e memoires originaux pour servir a l'histoire de la découverte de l'Amérique*. Depois dele, portugueses e brasileiros só vieram a conhecer a obra, em sua própria língua, em 1858, com duas edições, feitas em Portugal e no Brasil, no rastro do entusiasmo provocado pela edição de Ternaux.

Só tivemos a perder com a marginalização, intencional ou não, de Gândavo porque, para além do fato de a *História da Província* ser “o livro que inaugurou a

---

\* Professora Titular de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo. Editora Científica da Revista *Camoniana/Travessias*.

<sup>1</sup> GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *A Primeira História do Brasil. História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Texto modernizado e notas de Sheila Moura Hue e Ronaldo Menegaz. Revisão de notas botânicas e geológicas de Ângelo Augusto dos Santos. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2004

historiografia e a geografia brasileiras”, o cuidado que mereceu do autor (escreveu 4 versões antes de publicá-la) e o estilo peculiar de que se vale para contar as suas descobertas fizeram dela um importante documento da terra e da gente brasileiras, setenta e seis anos após o descobrimento, na visão de um encantado investigador das maravilhas da nova terra.

Não são de estranhar, portanto, as palavras que tem para *esta província, sem contradição, a melhor para a vida do homem que cada uma das outras da América, por ser comumente de bons ares e fertilíssima, e em grã maneira deleitosa e aprazível à vista humana.* (p. 49) E por este caminho segue a falar dos “ventos puros e coados”, das “preciosas ribeiras” e da “temperança dos ares”, das plantas e frutas, das aves e dos peixes, num tom ameno que se prolonga por muitas páginas. Outras são as palavras, porém, para índole e a conduta do gentio, segundo ele, cruel nos sofrimentos que inflige aos cativos e nos hábitos e rituais de canibalismo, em descrições tão cruas quanto as ações que descreve. *Uma das coisas em que esses índios mais repugnam o ser da natureza humana – diz ele (e aqui se refere aos tupis) –, é nas grandes e excessivas crueldades que executam em qualquer pessoa que podem ter às mãos...* (p. 155), observações que, segundo os editores da obra, sobre serem fruto de sua experiência, também se encontram nos cronistas da época. Uns e outro traduzem o fascínio que exerciam os índios sobre os europeus, no impacto da descoberta do “outro”, do “diferente”. A esta particularidade junta-se outra que é a atenção despertada pelos recursos de riqueza da terra – o ouro e as pedras preciosas –, acerca dos quais, o autor-historiador prudentemente deixara informações mais completas na primeira versão, segundo nos informam os editores nas notas esclarecedoras do último capítulo.

Acompanham a obra de Gândavo os tercetos de Camões dirigidos a Leonis Pereira, um soneto do mesmo Autor, uma epístola de Pero de Magalhães e um Prólogo ao leitor. Neste, diz Gândavo, logo a iniciá-lo, que *A causa principal que me obrigou a lançar mão da presente história e sair com ela à luz foi por não haver até agora pessoa que a empreendesse, havendo já setenta e tantos anos que esta província foi descoberta* (p. 37). Perdeu a nossa história por não haver muitos mais que fizessem o relato das impressões ainda no calor dos primeiros contatos, e perdeu a *história* de Gândavo porque poucos se dedicaram, em nossa época, a ler e muito menos a explicá-la como, felizmente, agora o ousam Sheila Moura Hue e Ronaldo Menegaz, a preencher uma falha inegável de nossos historiadores, com uma edição valorizada pela modernização do texto e, para além disso, enriquecida com valiosas notas explicativas de caráter filológico. Merece também que se assinale a revisão das notas botânicas e zoológicas que coube a Ângelo Augusto dos Santos.

A *Historia da província Santa Cruz* anotada – já agora em 2ª edição pela mesma Editora, e outra pela Assírio & Alvim, em Portugal –, tem todas as virtudes de um trabalho bem realizado: além do conhecimento e da competência,

a organização na edição do texto demonstra o interesse dos editores em levar aos leitores estudiosos e curiosos todas as informações necessárias à completa compreensão da linguagem quinhentista – sem prejuízo de seu sabor pitoresco apesar da modernização –, e fundamentais para o conceito histórico de nossa formação. Aberto o livro com um excelente prefácio de Cleonice Berardinelli, que põe em evidência as dificuldades de uma publicação dessa natureza a exigir capacidade adequada dos realizadores e coragem editorial, segue-se a Introdução escrita por Sheila Hue, preâmbulo das notas minuciosas que virão em rodapé. Termina com um fac-símile de páginas escolhidas da edição original de 1576, “para permitir aos leitores visualizar a edição quinhentista”, a bibliografia de Gândavo, além daquela que foi utilizada na edição. Enfim, indubitavelmente, uma edição impecável.

Uma coleção de livros antigos de parte do acervo de Obras Raras da Biblioteca Nacional, que também se revisita agora, teve de seu Catálogo,<sup>2</sup> em 2004, uma primorosa edição, possibilitada pelo apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian, e conduzida pelas mãos de um grupo de pesquisadores e consultores científicos: Cleonice Berardinelli, Gilda Santos, Luís Felipe Baêta Neves, Sheila Moura Hue e Ana Virgínia Pinheiro, com a coordenação geral de Suely Dias.

O *Catálogo dos Quinhentistas Portugueses da Biblioteca Nacional*, que reúne parte do acervo de obras raras, viu a primeira edição em 1989, e quinze anos depois vem a público revista e aumentada pela correção das falhas e lacunas na indicação de títulos (com a restauração que já tivera naquele ano, também financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian), de 98 preciosas obras – segundo nos informa Sheila Hue –, “entre elas, a raríssima edição ilustrada do *Diálogo de João de Barros com dois filhos seus sobre preceitos morais, em forma de jogo*, de 1540, o *Diálogo da Viciosa Vergonha*, do mesmo autor e também de 1540, além do *Livro do Rosário de Nossa Senhora*, de Frei Nicolau Dias, que, publicado em 1582, constituiu “um *best-seller* da segunda metade do século XVI”. E mais: a 1ª. edição de *Os Lusíadas*, as duas edições das *Rimas* camonianas, um raro exemplar de *O Lima*, de Diogo Bernardes, e a *História da província Santa Cruz*, de Pero de Magalhães de Gândavo, aqui resenhada.

O cuidado dedicado à segunda edição, com a apresentação de Cleonice Berardinelli, inclui um denso ensaio de Luís Felipe Baeta Neves, que, a partir de idéias instigantes sobre o imaginário social das “descobertas” associado ao “mito de origem” chega ao conceito de memória como sinônimo (ou não) de história-

---

<sup>2</sup> CATÁLOGO dos Quinhentistas Portugueses da Biblioteca Nacional. Organização de Sheila Moura Hue e Ana Virgínia Pinheiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004

e-de-historiografia, e alerta para o fato de que “a história hoje construída, na *linguagem* (não nas “coisas”) *é uma história do século XXI do século XVI*”. Igualmente substancial é o ensaio de Sheila Moura Hue, pelas informações/reflexões acerca do livro antigo, essa “mercadoria espiritual”, como diz, com que contribui com um inegável enriquecimento textual do Catálogo, ao qual se acrescentam as observações técnicas de Ana Virgínia Pinheiro. Palavras introdutórias e de agradecimento de Pedro Correa do Lago e de José Blanco completam o aparato textual de apresentação do *Catálogo*, cujo lançamento foi realizado com a mostra do acervo catalogado.

É dever assinalar, entretanto, o belo aparato gráfico com que se sublinham esteticamente a organização do *Catálogo* e o conjunto de ações que o levaram à plena realização, isto é, um projeto de pesquisa e descrição bibliográficas, envolvendo dois países intimamente ligados – Portugal e Brasil –, com o empenho dos pesquisadores e profissionais da Biblioteca Nacional, e o auxílio da Fundação Calouste Gulbenkian, num louvável empreendimento de preservação da história e da cultura portuguesa e brasileira.